

É O FIM DA PICADA!¹

HISTÓRIA PORTO-ALEGRENSE, DE MOACYR SCLiar, SOB A ÓTICA DE UM OBSERVADOR PORTO-ALEGRENSE

Andressa Habibe²

Sim, estou a reclamar e não me sinto culpado. Em todos os anos morando na minha bela Porto Alegre, nunca vi nada mais indecente. Passei aquela manhã na Cidade Baixa e fiquei boquiaberto diante daquele “desfile imoral”. A caixeirinha do armarinho e o filho do fazendeiro mais rico da região passeavam de braços dados, orgulhosos daquela vida em pecado. Corria à boca pequena – desde a Praça da Alfândega até a Igreja da Conceição – que o garboso rapaz havia alugado uma casa no Menino Deus para a caixeirinha... a caixeirinha! Deus me perdoe, mas nem o nome da guria sabiam pela cidade... ela era conhecida então como a caixeirinha-cortesã.

Não quero que me julguem, sem que antes eu possa me explicar. Passei meus melhores anos vendo nossa cidade crescer e prosperar – o que foi excelente – mas isso em nada ajudou a manter os bons costumes.

Passei boas tardes sentado na Praça da Alfândega papeando e observando os nossos moradores – com o afinco de um doutor ao fazer um diagnóstico – sempre pronto para dar bons conselhos. Com a modernidade, ganhamos mais bondes e novos bairros, mas quem se preocupava com a família-de-bem? Eu teria que fazê-lo. Digo eu por um costume – um tanto egocêntrico é verdade – porque na verdade eu era apenas um representante do povo – e a voz do povo é a voz de Deus – e iria cumprir o meu papel.

O jovem rapaz, vamos combinar, era moço rico que viera de cidade do interior... como não buscar um alívio para as noites de solidão? Mas não entendia por que ostentar a caixeirinha pela cidade e por tanto tempo... tu sabes

¹ Texto recebido em 17 de abril de 2018 e aceito em 22 de junho de 2018. Texto orientado pela Profa. Dra. Brunilda Tempel Reichmann (Unigraduate).

² Mestranda do Curso de Letras (Teoria Literária) da Unigraduate.
E-mail: teacherhabibe@gmail.com



que histórias assim acabam mal, não? Soube que os parentes do rapaz não o cumprimentavam se com a tal moça ele estivesse. Falta de aviso não foi.

Nos meus bons 40 anos de Porto Alegre ainda não tinha presenciado uma história tão escandalosa. E não é pura maledicência! O caso da caixeirinha e do moço rico chocou a muitos da cidade. Soube por alguns amigos – também preocupados com o rumo da moral na nossa Porto Alegre – que a caixeirinha passava de um bairro para outro... de Moinhos de Vento para Petrópolis, de Petrópolis para Três Figueiras e por aí vai. Tu, caixeirinha devias te envergonhar, eu repetia alto quando ela passava. Quanta indecência passar tantos anos ao lado de um bom homem casado... uma provocação!

Alguns bons anos depois, o motorista que dirigia para o rapaz, agora um senhor de 60 anos, e a meretriz – comentou que a caixeirinha finalmente estava sendo posta no devido lugar; estava sendo dispensada. Finalmente!

Por anos presenciei como uma mulher pode levar um homem à ruína e não nego que Porto Alegre pareceu mais bonita ainda depois do final daquele caso escabroso. O desprezo era a única coisa que ele – agora viúvo – tinha das filhas... mas finalmente dispensou à caixeirinha, agora uma mulher acabada pela vida.

Alguns dias depois, estava pensando em como é linda a minha cidade. Sentado à margem do Guaíba, pensava em todos os bons momentos que vivi aqui... em tudo de bom que fiz pela cidade e em tudo que Porto Alegre me deu. Aos 80 anos só queria continuar a me sentar aqui algumas tardes e pensar na vida. Confesso que nem sempre fui bom marido... tu sabes como o álcool é uma tentação maligna mesmo para um homem de fé como eu. Algumas vezes me excedi, mas sei que fui ótimo pai... mesmo que meus filhos hoje não se lembrem de mim.

Perdido em minhas lembranças, senti um dia um objeto tocar meus pés. Uma garrafa alongada e transparente me despertou de pensamentos saudosos... Peguei o objeto de forma cuidadosa e confesso que uma certa melancolia se abateu sobre mim. Senti como se estivesse lendo aqueles contos infantis com bilhetes em garrafas.

Consegui com dificuldade remover o papel da garrafa. A curiosidade me corroía: seria a mensagem de alguém do século passado? Um mapa de tesouro? Lentamente, comecei a ler a carta e, estupefato, meu coração velho e cristão mal podia acreditar. A mensagem era da caixeirinha! Tu acreditas? A mulher não estava satisfeita com o término de uma relação adúltera. A meretriz da Cidade Baixa, mesmo já na casa dos 60 anos, relatava a vergonha que vivera.

Tomado por um espírito de justiça, enterrei a mensagem na beira do rio. Faria novamente, nem que fosse a última coisa que fizesse na vida.

